PSTU
Opinião Socialista
Ano XIII - Edição 371 - Colaboração: R$ 2 - De 26/03 a 01/04 de 2009 - www.pstu.org.br

30 DIA NACIONAL DE LUTA DE MARÇO

TRABALHADORES UNIDOS CONTRA AS DEMISSÕES

UM TRILHÃO – O governo Obama anunciou que vai destinar mais US$ 1 trilhão para salvar os bancos. O objetivo é que o Estado assuma a responsabilidade pela aquisição de ativos "podres" dos bancos.

ELIMINADOR – A crise econômica já eliminou cerca de 750 mil empregos formais entre novembro e fevereiro no País, segundo levantamento do Dieese.

AGRESSÕES ISRAELENSES

Soldados de Israel que participaram da recente ofensiva à Faixa de Gaza admitiram que houve casos em que militares mataram civis inocentes. A informação foi publicada no dia 19 pelo jornal israelense Haaretz. Os soldados ainda teriam contado que receberam de seus superiores ordens "permissivas" de abrir fogo. Ainda, alguns de seus companheiros teriam destruído propositalmente casas de palestinos. A ofensiva de 22 dias matou 1.300 civis palestinos, sendo que mais de um terço deles eram crianças.

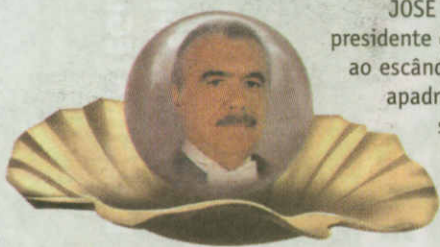
MAIS AGRESSÕES SIONISTAS

Segundo o site do jornal israelense "Haaretz" no último sábado, camisetas com frases e desenhos agressivos a palestinos viraram moda entre os soldados israelenses. As camisetas foram encomendadas em uma fábrica ao sul de Tel Aviv para comemorar o fim do treinamento básico militar. As imagens mais pedidas são de crianças mortas, mães chorando sobre os túmulos de seus filhos e mesquitas destruídas por bombas.

Camiseta com uma palestina grávida e a frase "Um tiro, duas mortes"

CHARGE / AMÂNCIO

PÉROLA

"Estou me sentindo que nem barata em bico de galinha"

JOSÉ SARNEY (PMDB-AP), presidente do Senado, reagindo ao escândalo das centenas de apadrinhados políticos de senadores nomeados para ocupar cargos de direção na Casa. (Blog do Noblat, 20/03)

DEMISSÕES NA CSN

Desde novembro de 2008, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) vem promovendo demissões em massa. Foram mais de 1.300 do seu efetivo direto e mais de 2 mil trabalhadores das empreiteiras ligadas ao ramo da metalurgia e da construção civil que prestam serviço para a companhia. No dia 20 de março, Benjamin Steinbruch, presidente da CSN, anunciou na imprensa que vai demitir mais 1.200 novos trabalhadores diretos e 600 vinculados às empreiteiras. A CSN teve lucros fabulosos desde sua privatização até os dias atuais. Cresceu mais de oito vezes seu patrimônio, fruto de uma brutal exploração de seus trabalhadores que agora são mandados para o olho da rua.

MAMATA

Pressionado, o presidente do Senado, José Sarney, foi obrigado a anunciar a extinção de 50 cargos de diretorias na Casa. São 181 diretores não concursados. Cada presidente ou diretor cria as "suas" diretorias para abrigar amigos e cabos eleitorais e garantir-lhes gratificações e privilégios. E os gastos com mordomias não param. Foram R$ 2,1 bilhões em 2007, que subiram para R$ 2,8 bilhões no ano passado. Para este ano, a folha salarial é de R$ 3 bilhões - 42,8% de aumento em dois anos. Muitos dos diretores do Senado, que cuidam só de serviços gerais, ganham até R$ 20 mil mensais.

ACONTECEU nos 15 anos

NOTÍCIAS QUE ENTRARAM PARA A HISTÓRIA DO PARTIDO

FATOS DE 26 DE MARÇO A 1º DE ABRIL

1994 – CAMPANHA FINANCEIRA

Na semana de 25/3, o partido lançava a edição especial do Jornal do PSTU, principal material para a campanha da organização que recém nascia. O partido chamava seus militantes e simpatizantes a criar uma rede de assinantes do jornal: "esta campanha será mais uma garantia para seguirmos lutando juntos, com a mais completa independência contra a burguesia, as burocracias e seus aliados".

2003 – FALA ZÉ MARIA

No dia 31 de março, Lula anunciava o primeiro aumento do salário-mínimo de seu governo. A partir de 1º de maio daquele ano, o mínimo passaria de R$ 200 para R$ 240, um reajuste de 20%. O ganho real? Míseros 1,8%... Os argumentos do governo para o baixo aumento eram os mesmo do governo anterior: falta de dinheiro nos cofres públicos, que um reajuste maior poderia aumentar o desemprego e o mercado informal, que um reajuste maior poderia gerar mais inflação etc.

2005 – FIM DA DEPENDÊNCIA?

No dia 28 de março, Lula anunciou que não renovaria o acordo com o FMI, que já durava quase sete anos. Brasil não renova com o FMI: acabaram as imposições? foi o título do artigo de Rodrigo Ávila, economista da Auditoria Cidadã da Dívida, Rodrigo Vieira de Ávila, economista da Campanha Auditoria Cidadã da Dívida, no OS nº 213. Assim terminava o artigo: "O Brasil que dispensou o FMI, ou o FMI que dispensou o Brasil, por já saber que iríamos cumprir todas as tarefas?".

Internacional

Estudantes derrotam Balladur

PRIMEIRO-MINISTRO FRANCÊS RETIRA PROJETO DE REDUÇÃO SALARIAL

1994 – FRANÇA EM CHAMAS

Manifestações estudantis na França derrotam projeto do governo de reduzir salários. No dia 28 de março, o primeiro-ministro Edouard Balladur retirou o Contrato de Inserção Profissional, lei que permitia às empresas contratarem jovens entre 15 e 25 anos pagando menos de um salário mínimo.

Pérola do passado

"Não vejo diferença entre o discurso da CUT e o de Antônio Ermírio em relação ao desemprego."

Lula, ao justificar um eventual apoio do principal capitalista do país a sua candidatura em 1998.

OPINIÃO SOCIALISTA é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Dr. Rocha Cavalcante, 556 - A - Vergel (82) 3032-5927 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil) (96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, Sala 301 Centro (71) 3321-5157 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Rua Itapagipe, 64 - Santa Rita
VITÓRIA DA CONQUISTA
Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
BENFICA -Rua Juvenal Galeno, 710, 60015-340.
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)-CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 70, 715, 1° and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 3224-0616 / 8442-6126 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA - Travessa Dr. Prisco, 80, sala 301 Centro - juizdefora@pstu.org.br
UBERABA *uberaba@pstu.org.br*
R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
UBERLÂNDIA - (34) 3229-7858

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Passagem Dr. Dionízio Bentes, 153 - Curió - Utingá - (91) 3276-4432

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1° andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - R. Cândido de Leão, 45 sala 204 - Centro (próximo a Praça Tiradentes)
MARINGÁ -Rua José Clemente, 748 Zona 07 - (44) 3028-6016

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Monte Castelo, 195 Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br* (21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE *sulfluminense@pstu.org.br*
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
MACAÉ - Rua Teixeira de Gouveia, 1766 (fundos) (22) 2772.3151 *nortefluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250 (84) 3201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II
CENTRO Rua Vigário Bartolomeu, n° 281-B

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
PASSO FUNDO - Galeria Dom Guilherme, sala 20 - Av. Presidente Vargas, 432 (54) 9993-7180
GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105, Morada do Vale - (51) 9864-5816
SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807-1722
SANTA MARIA - (55) 8409-0166 *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 77, Centro (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696 agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br* *www.pstusp.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL - Rua Amaro André, 87 - Santo Amaro
BAURU - Rua Antonio Alves n°6-62 - Centro - (14) 227-0215 *bauru@pstu.org.br*
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3201-5672 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - Avenida 7 de setembro, 667 - Vila Martinho *edcosta16@itelefonica.com.br*
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 733 - Centro (11) 6441-0253 *guarulhos@pstu.org.br*
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Flaviano de Melo, 1213 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 11 Casa 5 - Jd. Caiçara - (18) 3903-6387
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SÃO BERNARDO DO CAMPO - Rua Carlos Miele, 58 - Centro (atrás do Terminal Ferrazópolis) - *(11)4339-7186* *saobernardo@pstu.org.br*
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

PELA ESTABILIDADE NO EMPREGO E A REESTATIZAÇÃO DA EMBRAER

O mundo está mudando. O impacto da crise econômica está sacudindo a situação política internacional.

De um lado, a ofensiva das empresas que ameaçam demitir 50 milhões de pessoas neste ano no mundo. De outro, o início da reação dos trabalhadores. Na França, uma das situações mais avançadas, ocorreu a segunda greve geral em pouco mais de um mês.

O Brasil é parte dessa realidade, com um ritmo próprio e mais lento. Já se perderam quase um milhão de postos de trabalho desde o início da crise.

A mobilização de 30 de março é uma primeira resposta nacional às demissões. Vão ocorrer greves, paralisações parciais, atos de rua e outras mobilizações. É o início de uma luta nacional que terá de ter outros passos a seguir, em direção a uma paralisação nacional.

A Conlutas teve um papel muito importante na gestação desse dia nacional de lutas. Esteve à frente de algumas das principais lutas contra o desemprego, como na Embraer, e fez um chamado a um dia nacional de lutas, no início marcado para 1° de abril.

A CUT foi obrigada a vir atrás marcando um outro dia para 27 de março, e depois aceitando a unificação no dia 30. Mais uma vez, a Conlutas demonstra que, acima de tudo, busca a unidade da luta dos trabalhadores.

O dia 30 de março será assim um importante passo para o movimento operário. Mas, junto com essa unidade, existe um debate claro que opõe Conlutas, de um lado, e CUT, Força Sindical e CTB, de outro. Se depender dessas outras centrais, o dia 30 não terá posição contra o governo. A CTB chegou a anunciar que deveria ser contra *"a política econômica do tucano Meirelles"*.

Os trabalhadores precisam saber que Lula não é um "aliado", como querem fazer crer CUT, Força e CTB. O governo tem sido um aliado das grandes empresas, a quem deu R$ 300 bilhões de dinheiro público. Os 4.270 demitidos da Embraer poderiam ter sido readmitidos caso o governo quisesse, pois tem assento na direção da empresa e poder de veto sobre as decisões. Mas, mesmo depois dos cortes, Lula deu um novo empréstimo a Embraer de R$ 700 milhões.

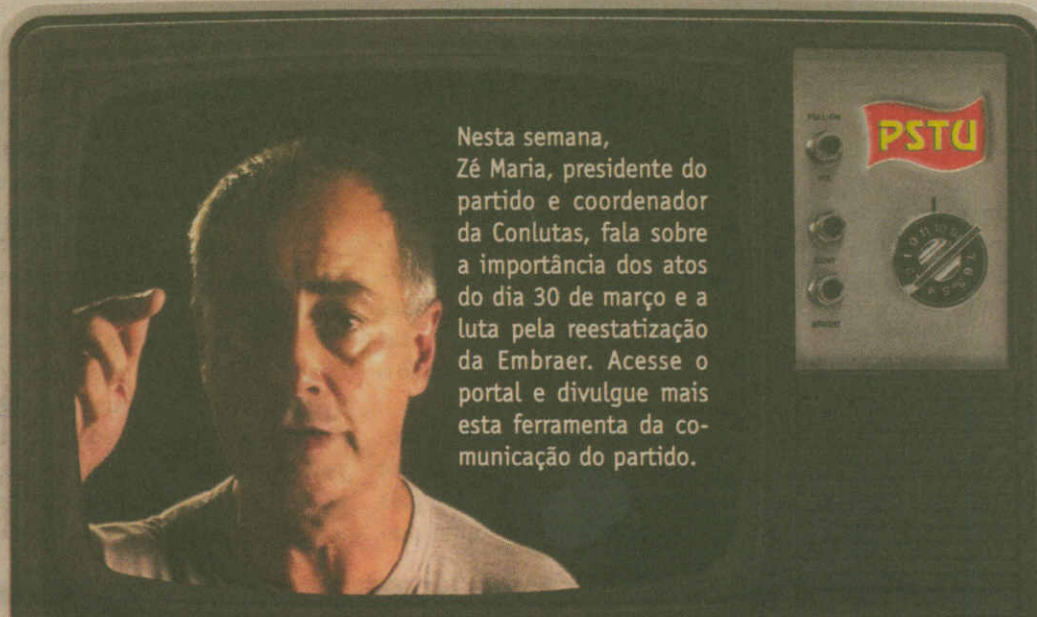
Por esse motivo, junto com a unidade na ação do dia 30, dois projetos se enfrentam: de um lado, CUT, Força e CTB apoiando o governo. De outro, Conlutas e outras forças cobrando de Lula a estabilidade no emprego e a reestatização da Embraer.

A Conlutas está exigindo que a CUT e a Força se somem à reivindicação de que o governo decrete a estabilidade no emprego. A entidade está chamando também essas centrais a dar o passo seguinte, apontando um dia nacional de paralisações como continuidade ao que for realizado no dia 30.

ERRADA

NA MATÉRIA "É HORA DE OS TRABALHADORES DAREM O TROCO", DA PÁGINA 8 DA EDIÇÃO DE NÚMERO 370, A ABERTURA DO TEXTO FOI PUBLICADA COM ALGUNS ERROS DE DIGITAÇÃO. O TEXTO CORRETO É O SEGUINTE: "CONLUTAS DISCUTE POSSIBILIDADE DE UNIFICAR AS LUTAS NUM GRANDE DIA DE MOBILIZAÇÃO, PROPOSTO PARA 30 DE MARÇO. É HORA DE IR ÀS RUAS NÃO SÓ CONTRA AS DEMISSÕES, MAS TAMBÉM CONTRA A REDUÇÃO DE SALÁRIOS E DIREITOS, EXIGINDO A REDUÇÃO DA JORNADA PARA COMBATER O DESEMPREGO".

EM VÍDEO, ZÉ MARIA FALA SOBRE O DIA 30 E A LUTA NA EMBRAER

O Portal do PSTU estréia um novo programa nesta semana, em vídeo. Dirigentes do partido irão apresentar as posições políticas do partido, sobre a conjuntura atual. Será uma espécie de "editorial em vídeo", mais ágil e atraente. Agora, além dos editoriais do Opinião Socialista e dos boletins nacionais, usaremos mensagens em vídeo, para que a política do partido possa alcançar ainda mais trabalhadores.

Nesta semana, Zé Maria, presidente do partido e coordenador da Conlutas, fala sobre a importância dos atos do dia 30 de março e a luta pela reestatização da Embraer. Acesse o portal e divulgue mais esta ferramenta da comunicação do partido.

Chineses desempregados

QUAIS SÃO OS SIGNIFICADOS E AS CONSEQUÊNCIAS DA CRISE?

CRISE QUE ABALA o capitalismo vai mudar o mundo que conhecemos hoje

JOSÉ WELMOVICK,
de São Paulo

Mesmo os analistas burgueses reconhecem que estamos diante de uma crise comparável à de 1929. Os últimos dados apontam para um largo período de declínio e possíveis quedas bruscas e quebras generalizadas em setores estratégicos da economia. Mas quais são as reais dimensões dessa crise? E os seus desdobramentos para a luta de classes? Estaria a hegemonia dos EUA em decadência?

AS CAUSAS DA CRISE

Existe uma contradição própria do capitalismo que explica as crises cíclicas. É o que Karl Marx chamou de lei da tendência decrescente da taxa de lucros. Essa lei opera sempre. As crises cíclicas estão associadas à queda da taxa de lucros do capital.

Quando uma crise cíclica surge, o que se vê é um excesso de mercadorias e de capacidade de produção. Então, o capital deixa de investir e vem uma recessão. Para voltar a crescer, é necessário recuperar a taxa de lucros e isso se faz com as medidas que contrabalançam essa tendência. Marx se refere a algumas: expansão dos mercados, concentração de capitais, novas técnicas, aumento da mais-valia absoluta (através da superexploração do proletariado existente e da incorporação de novas massas de trabalhadores, proletarização de novos setores, como na China, na Índia, etc.).

A saída do capitalista para a crise passa também pela destruição de forças produtivas, com queima de capitais, fechamento de empresas e de plantas e consequente centralização de capitais (também pode haver destruição de forças produtivas pela ação de uma guerra). Só a partir daí o capital vai ter interesse de investir novamente na produção.

O IMPERIALISMO E O CAPITAL FINANCEIRO

Em "Imperialismo, fase superior do capitalismo", Lenin demonstrou que havia capitais excedentes nos centros imperialistas. Isso levava a uma busca permanente pela ampliação da massa de mais-valia acumulada, promovendo a exportação de capitais que extraíssem novas quantidades de mais-valia nos países atrasados e, com isso, internacionalizando o capital financeiro.

Para ele, essa era a fase monopolista do capitalismo. Até meados do século 20, cada país tinha em geral seu próprio parque industrial e era centrado em determinados setores ou ramos produtivos. Hoje, existe uma acumulação mundializada, em que os capitais imperialistas levam até o fim a previsão de Lenin sobre a exportação de capitais e a incorporação dos mercados de todo o mundo.

Nessa fase imperialista, o capital fictício, que já existia em escala local e setorial, passou a ser um fenômeno permanente e internacional. É necessário extrair somas cada vez maiores de mais-valia para garantir os lucros em relação a uma massa de capitais cada vez maior, sem que muitos deles estejam investidos na produção.

O ESTADO A SERVIÇO DO CAPITAL FINANCEIRO

Nas últimas décadas, houve um aprofundamento de todas essas características: o capital financeiro comanda a economia e a gestão do Estado burguês.

A política do neoliberalismo foi cortar ao máximo as despesas sociais e os investimentos estatais na produção para colocar o aparelho do Estado diretamente a serviço do capital financeiro. As imensas somas canalizadas para o pagamento das dívidas públicas, as políticas dos bancos centrais a serviço do capital financeiro, como as taxas de juros a serviço da acumulação dos bancos e, mais recentemente, a política dos déficits fiscais e comerciais para sustentar a expansão do capital financeiro dos EUA (com seus sócios europeus) em todo o mundo. As privatizações foram outra medida para servir o capital monopolista.

Todo esse conjunto de políticas acelerou a acumulação de capital e a multiplicação do capital fictício. Nos últimos anos, os governos e os bancos centrais dos EUA e da Europa foram ativos financiadores do capital especulativo e os protegeram, sendo seus seguradores em última instância. O colapso atual do sistema financeiro norte-americano, com a quebra de praticamente todos os bancos de investimentos e a virtual falência de quase todos os grandes bancos, fez com que o crédito privado simplesmente não funcione a não ser quando os governos emprestam e mesmo este último recurso ainda não resolve os problemas.

A queda da taxa de lucros que deu origem à atual crise ocorre quando todo o sistema financeiro está comprometido e os Estados imperialistas, em especial os EUA, já comprometeram seus recursos. Junto a isso, há uma grave queda dos investimentos na produção. Por outro lado, a crise engloba todos os continentes em escalas gigantescas de declínio. Dos EUA à Europa e à América Latina, a recessão se aprofunda.

HÁ UMA CRISE DA HEGEMONIA IMPERIALISTA IANQUE?

O plano estratégico do imperialismo, então sob as rédeas de Bush, era utilizar o domínio econômico, e o militar em especial, para impor uma ordem estável com o total controle das riquezas energéticas à custa do saque e do aumento do bonapartismo, inclusive dentro dos EUA. Esse objetivo, porém, foi perdendo terreno e colecionou derrotas que abriram uma crise política profunda no imperialismo.

Apesar de partir de uma superioridade militar esmagadora, os EUA tiveram que engolir o fracasso no Iraque, a crise cada vez maior no Afeganistão e, recentemente, a derrota da Geórgia para a Rússia. Também foram parte dessas derrotas o fracasso do golpe na Venezuela, a derrota de vários governos neoliberais e a existência simultânea de uma série de governos populistas que têm atritos com Washington.

A combinação da eclosão de uma profunda crise no coração do Império com a crise política do imperialismo levou a uma crise de dominação, ou seja, uma crise da ordem mundial. A derrota de Bush e seu projeto bonapartista e a eleição de Obama refletem essa crise. Obama, por um lado, vem

recompor o regime se aproveitando da enorme simpatia que despertou entre as massas dos EUA e de todo o mundo. Ou seja, o imperialismo sabe que tem de apresentar outra cara para poder controlar a crise e restabelecer a estabilidade e a ordem mundial. Daí a nova política de "diplomacia" dos EUA.

Isso não quer dizer renúncia ao uso da força, mas uma nova localização. A opção pelo recurso aos pactos em vez do recurso à invasão pura e simples. A política de mais "consensos" vai incluir a manutenção do uso das submetrópoles, como o Brasil com seu novo papel na América Latina. Esse é o país que auxilia o imperialismo por meio da intervenção em conflitos, como no Haiti, e da submissão dos países semicoloniais mais pobres, como nos choques com Equador, Bolívia e Paraguai.

UM NOVO BRETTON WOODS?

Com a crise, passou a se defender abertamente a necessidade de reforma política nas instituições mundiais ao lado de uma reorientação do imperialismo norte-americano. Esse é o discurso tanto de jornais como Le Monde Diplomatique quanto de alguns economistas de prestígio nos EUA. Porém, imaginar que a burguesia dos EUA e a imperialista como um todo possam dividir as rédeas com as burguesias emergentes, mesmo com a crise, só pode vir daqueles que acreditam nos consensos e pactos via negociação.

O que vai definir a ordem mundial é o embate entre as distintas classes, aí incluídos os choques entre as burguesias. O que existe hoje é o agravamento dos choques imperialistas, com o ressurgimento do protecionismo. Frente à crise, a disputa pela mais-valia é feroz para ver quem evita ser liquidado ou desaparecer entre os capitais destruídos.

Assistimos não a um declínio relativo dos EUA frente aos outros competidores, mas a um período de declínio do conjunto do sistema capitalista internacional. De fato, os EUA tiveram uma perda relativa de seu peso na produção mundial. Por exemplo, a indústria norte-americana chegou a representar 50% da produção mundial no pós-guerra. Em 2007, no entanto, não chegava a 30% do PIB industrial mundial. Mas não foi assim no terreno financeiro e menos ainda no militar, onde os EUA detêm quase 50% dos gastos mundiais em armamentos.

Para resumir, parece que vivemos um processo de crise profunda, sem que haja uma economia imperialista ou semicolônia que possa se sair melhor e sustentar um novo projeto para disputar a hegemonia com os EUA.

EMERGENTES COMO NOVAS POTÊNCIAS?

Muitos, inclusive boa parte da esquerda, acreditavam que os países ditos emergentes poderiam escapar ou até mesmo dar uma saída à crise. Essa discussão está superada pela realidade, pois os "Brics" entraram com tudo no processo. China, Brasil e Índia (a Rússia já vinha sendo atingida fortemente desde muito antes) estão sendo afetados numa velocidade tal que faz virar rápida e negativamente os dados de PIB, emprego, exportações e crédito. Além das consequentes falências e quebras.

A principal discussão é sobre a China. Apoia-se em um fato real: a imensa capacidade de produção instalada no país e sua modernização acelerada nos últimos anos. Mas o que esses teóricos não veem é que essa imensa máquina de produção não tem a mais mínima possibilidade de desenvolvimento autônomo, muito menos imperialista. O que ocorreu foi uma penetração do capital financeiro norte-americano, europeu e japonês para extrair massas imensas de mais-valia e compensar a baixa da taxa de lucro nos centros.

Que não haja candidatos em condições de substituir os EUA na hegemonia mundial, não significa que não vai haver todo tipo de choques e disputas, inclusive duras. Tende a haver mais protecionismo e subsídios, pois a disputa entre os setores da burguesia imperialista e mesmo das semicolônias sobre quem vai ter de diminuir seus lucros ou fechar empresas vai aumentar.

Pode crescer ainda o peso das sub-metrópoles na sustentação da ordem mundial, como a Rússia e a Índia. Também podem se dar ensaios defensivos de autonomia relativa das burguesias semicoloniais, como na década de 30, embora com muito menos margem de manobra que antes, devido à mundialização da economia. Na América Latina, pode haver ensaios de setores burgueses frente à crise e à pressão das massas pela busca de alguma margem de manobra e pela geração de mais fenômenos de bonapartismos *sui generis* como o de Chávez.

O PAPEL DAS MASSAS

Como vai reagir a classe operária em todo o mundo a essa ofensiva? Sempre é preciso alertar que são duas as possibilidades: pode se dar uma reação ofensiva, mas também um refluxo, sob a pressão do desemprego massivo. Uma crise dessa envergadura gera uma polarização social muito mais aguda.

Hoje, porém, diferente de 1929, não existe um estado operário soviético nem qualquer outra alternativa viva oposta ao desastre do capitalismo, que possa ser referência aos trabalhadores. Por outro lado, Trotsky colocava que, quando o movimento de massas vem de um período de crescimento econômico e não sofreu derrotas, ele adquire confiança, tendendo a sair à luta em defesa de suas conquistas no caso de uma crise. No período dos últimos quatro meses, tivemos na Europa grandes mobilizações na Grécia e na França, com greves gerais que paralisaram os países e se chocaram contra os governos, além de uma série de grandes mobilizações em outros países.

Por outro lado, frente a um desemprego de milhões, também pode haver reações xenófobas, como os grupos de cunho fascista que se organizam para perseguir imigrantes na Itália, estimulados pelo governo. É o caso das greves contra a admissão de trabalhadores de outros países europeus na Inglaterra, que começaram na Lindsay Oil e depois se estenderam. E esse não é somente um problema dos países imperialistas. O caso da Bolívia mostra que podem surgir ameaças fascistas sérias numa situação revolucionária com um governo de frente popular que não dá saída e permite que a ultradireita se organize impunemente.

Os EUA são uma das grandes incógnitas sobre a evolução da situação mundial, pois a classe operária norte-americana é decisiva no enfrentamento da crise. Até agora, a eclosão da crise abalou a consciência e gerou um grave problema social que está golpeando amplas camadas da classe operária. Não se pode prever com exatidão como vai reagir a classe e existe a burocracia sindical para trair e desviar as lutas, além de toda a expectativa em Obama.

Na América Latina, a situação revolucionária havia se expressado na emergência dos governos de frente popular e populistas, ainda bastante fortalecidos. Mas os ataques da burguesia vão colocar esses governos frente à necessidade de tomar uma posição diante das demissões e de todo tipo de perdas de benefícios. Por isso, o prestígio dos governos populistas e frente-populistas não deve ficar imune ao agravamento da crise, do desemprego massivo e da miséria.

Já o gigantesco proletariado chinês teve algumas mobilizações explosivas, enfrentando uma ditadura feroz. Mas a consciência e a organização dos trabalhadores partem bem de trás. Os aparatos políticos e sindicais intervêm para garantir que eles se submetam às transnacionais, enquanto os enormes aparatos policiais tratam de intimidar e reprimir.

DESAFIOS

Vem pela frente, em escala mundial, um tempo de ataques duros, crises políticas, quebras de países, ascensos e revoluções, intentos fascistas e golpes, e vamos ver processos interligados e contraditórios.

É necessário aproveitar a crise para redobrar a ofensiva propagandística. Foi colocada a nu a real natureza do capitalismo. É necessário retomar a denúncia de seu caráter e a propaganda do socialismo. Um dos aspectos mais importantes é a necessidade do partido revolucionário e da Quarta Internacional.

DEBATE
A CRISE MUNDIAL E AS LUTAS DOS TRABALHADORES
com
JOSÉ WELMOVICK
editor da Marxismo Vivo
e **ANGEL LUIS PARRAS**
do PRT-I, da Espanha

Dia 27 de março - 19h
Auditório do Sindsprev-SP

30 DE MARÇO — DIA NACIONAL DE LUTA — TRABALHADORES UNIDOS CONTRA AS DEMISSÕES

A primeira resposta nacional à crise

ATO DO DIA 30 DE MARÇO pode ser um marco na luta contra as demissões

GUSTAVO SIXEL, da redação

Em pouco mais de cinco meses, demissões em massa eliminaram quase um milhão de postos de trabalho. Após reações iniciais, como as de trabalhadores da Vale, da Embraer e da GM, pela primeira vez o conjunto das categorias sairá às ruas ao mesmo tempo. O dia 30 de março será a primeira resposta nacional contra a crise.

O protesto está sendo convocado por diversas centrais, como Conlutas, Intersindical, CUT, Força Sindical, CTB, CGTB e outros movimentos, como MST e Pastoral Operária. Haverá protestos nas principais cidades e um ato nacional em São Paulo. Durante todo o dia, vão ocorrer paralisações nas empresas e protestos de rua unindo trabalhadores do campo e da cidade, operários e estudantes.

CRISE EVIDENTE

,Não são apenas os trabalhadores da indústria que temem o futuro. Todos acabarão sentindo a recessão. Como o funcionalismo público, que deve ficar sem reajuste, já que o governo estuda cortes de verbas e não pretende cumprir os acordos.

Soam estranhos os discursos otimistas do presidente. A realidade é outra. Os trabalhadores já começam a desconfiar dos "sacrifícios passageiros", como os acordos de redução de direitos e salários. Entre os entrevistados, 59% já não aceitariam acordos desse tipo, defendidos pela CUT e pela Força Sindical.

A evolução da crise gera impactos na consciência dos trabalhadores. E as reações começam a ocorrer, como a greve petroleira, que pode ser uma das mais fortes em muitos anos.

Mas a resposta dos trabalhadores ainda não é como em outros países. Na França, milhões fizeram a segunda greve geral. Marchas convocadas pelas centrais tomaram as ruas, desafiando o governo Sarkozy (página 9). Em outros países europeus, greves operárias radicalizam-se. São os ventos da luta soprando pelo mundo.

Nesse cenário, o dia 30 tem importância decisiva. Milhares poderão participar, e os protestos podem ocupar a cena política do país, agindo como um grande chamado aos desempregados e a toda a classe trabalhadora. Liberando o potencial de resistência e fazendo dessa data um passo para um dia de paralisação nacional.

Entre as bandeiras, uma tem importância especial: a que exige a readmissão dos demitidos da Embraer e sua reestatização. O tamanho dos cortes fez dessa empresa uma luta nacional, um símbolo do momento que vivemos. Sua luta estará presente em cada ato do dia 30, em cartazes, faixas e mensagens de solidariedade.

O papel do governo nas demissões da Embraer demonstra que, também no dia 30, é preciso exigir de Lula que defenda os trabalhadores. Não basta que o presidente "torça" pelos trabalhadores, enquanto libera milhões para bancos e multinacionais. Por isso, os ativistas da Conlutas estarão nas ruas, exigindo de Lula um decreto que garanta a estabilidade no emprego.

UMA SÓ LUTA, ESTRATÉGIAS OPOSTAS

Unidade nas ruas no dia 30 não pode esconder diferenças com centrais governistas

Na semana passada, muitos ativistas se surpreenderam com a mudança no dia de luta. Até então, a Conlutas e a Intersindical convocavam o 1º de abril, e a CUT, um ato em 27 de março. Mas, diante da dimensão da luta na Embraer e da necessidade de responder a sua própria base, a CUT recuou e aceitou marcar um dia unificado, o 30 de março. A Conlutas, após consultar sindicatos e entidades, garantiu a unidade, aprovando o dia 30 em sua coordenação nacional.

A Conlutas deveria ter mantido a data original? É correto sair às ruas ao lado de sindicalistas que defendem o governo? Para o PSTU, a decisão foi correta. "Avaliamos que a data unitária é um avanço para o movimento, por permitir que as massas se sintam mais seguras para a luta em um momento em que os patrões estão atacando", afirma Zé Maria, presidente do PSTU.

Os ativistas teriam dezenas de motivos para recusar a unidade no dia 30. Poderiam apontar as traições dos dirigentes da CUT e da Força, e a defesa do governo e dos acordos. Diferenças não faltariam para justificar atos separados.

O resultado seria um desastre para a mobilização. Em vez de uma grande resposta, que pode ter impacto junto aos trabalhadores, teríamos protestos isolados e de menor impacto.

Há enormes diferenças sobre a política diante da crise. Ao contrário do que se imagina, a ação conjunta permite que essas diferenças surjam aos olhos dos trabalhadores. Os burocratas evitam a mobilização e impedem a polêmica. Sabem que com a luta a consciência dos trabalhadores pode avançar.

A Conlutas marchará junto no dia 30, mas apresentará um programa próprio. Segundo relato da última reunião, "em todas as atividades que a Conlutas participar haverá a exigência ao governo Lula de uma medida provisória emergencial que garanta a estabilidade no emprego e também a aprovação pelo Congresso Nacional da redução da jornada de trabalho sem redução dos salários". A Conlutas também defenderá propostas para proteger os demitidos, como suspensão da cobrança de luz, gás, água, passagens e IPTU para desempregados, além de plano de obras.

As diferenças serão visíveis no dia 30. CUT, Força e CTB tentarão proteger o governo, do qual fazem parte. A CTB chegou a anunciar que no dia 30 deve-se protestar contra a política econômica do "tucano Meirelles" (o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles). Ou seja, já em seu segundo mandato, Lula não tem nenhuma responsabilidade sobre a política econômica de seu governo.

Essas centrais farão de tudo para que a Conlutas não denuncie que o governo Lula deu dinheiro às empresas e aos bancos e nada fez pelos demitidos da Embraer. Tentarão evitar o debate sobre a reestatização. Ou que o dia 30 caminhe para uma paralisação nacional.

Há dois caminhos diante da crise. Um é o dos acordos que rebaixam diretos e salários, como fazem a Força entre os metalúrgicos de São Paulo, a CUT em Taubaté e a CTB em Volta Redonda. Outro caminho é o da luta e resistência, o da Conlutas. No dia 30, os dois caminhos estarão nas ruas, lado a lado. Na unidade de ação contra as demissões, o confronto dos projetos distintos.

O CALENDÁRIO DOS PROTESTOS

Manifestações, atos e paralisações. Vale tudo no dia 30 para marcar a data como um grande momento de mobilização contra as demissões e os efeitos da crise. Veja abaixo o que vai acontecer em alguns lugares onde, até o fechamento desta edição, as atividades já tinham sido definidas.

SÃO PAULO (SP)
Na capital paulista ocorre o ato nacional do dia 30. A manifestação começa às 10h em frente à sede da Fiesp, na avenida Paulista. O ato público inicia por volta das 12h e deve sair em passeata.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)
Na cidade em que os trabalhadores lutam contra as demissões da Embraer, as mobilizações do dia 30 começam logo pela manhã, com uma passeata no centro da cidade. Após a manifestação, os trabalhadores já partem para São Paulo, para o ato nacional, na Av. Paulista.

RIO DE JANEIRO (RJ)
A manifestação no Rio vai contar com a participação de setores mobilizados que paralisarão suas atividades no dia, como trabalhadores da educação organizados no Sepe e no Sindscope, servidores públicos e trabalhadores dos Correios.

VOLTA REDONDA (RJ)
O Movimento Demissão Zero, articulado na cidade para combater as demissões e os ataques aos direitos pela CSN, aprovou a realização de dois atos no dia 30. A primeira manifestação ocorre às 6h em frente aos portões da CSN. Outro ato acontece no mesmo dia às 17h. Será uma grande resposta ao presidente da CSN que, pela imprensa, anunciou 1.600 demissões na semana passada, incluindo 1.200 funcionários fixos.

BELO HORIZONTE (MG)
Na capital mineira ocorre ato às 15h, na praça Sete. Antes, às 9h, tem manifestação de professores e panfletagem na vizinha Betim, na fábrica da Fiat.

OURO PRETO (MG)
O protesto na cidade histórica acontece um pouco depois, no 1º de abril. Um grande ato vai protestar contra o fechamento da Novelis (ex-Alcan), produtora de alumínio que foi desativada e deixou na rua centenas de operários. As atividades começam logo cedo, às 5h, em frente à empresa. Às 9h tem ato na Câmara, com a presença de trabalhadores, vereadores, deputados, associações de moradores, igreja e sindicatos. À tarde, ocorre novo ato às 17h.

MANAUS (AM)
Metalúrgicos, trabalhadores dos Correios, petroleiros, estudantes, professores e sem-teto fazem manifestação na praça Matriz. Uma reunião estava marcada entre as centrais para preparar o ato.

FORTALEZA (CE)
Os operários da construção civil, em campanha salarial, fazem paralisação no dia 30. Às 16h ocorre uma passeata unificada no centro da cidade, com a participação de mais de 20 organizações. Além das bandeiras de luta contra a crise, as demissões e a retirada de direitos, a defesa do povo palestino estará entre os eixos de mobilização.

WWW.PSTU.ORG.BR
Acompanhe no Portal do PSTU a cobertura dos atos do dia 30 e um vídeo com Zé Maria

Greve dos petroleiros no Rio de Janeiro

GREVE NACIONAL DE PETROLEIROS FORTALECE O DIA 30

AMÉRICO GOMES, da Direção Nacional do PSTU

Os petroleiros iniciaram no dia 23 uma forte greve nacional, demonstrando a radicalização da categoria. "Essa greve está iniciando maior que a greve de 1995, a maior da categoria", afirmou Clarckson Messias, dirigente do Sindicato dos Petroleiros de Alagoas e Sergipe e da coordenação da Frente Nacional dos Petroleiros (FNP).

Em Sergipe, pelo menos 60% do pessoal administrativo parou. Na fábrica de fertilizantes Fafen, 100% dos trabalhadores de turno e 90% do administrativo pararam.

Na cidade operária de Carmópolis, 70% do efetivo parou. No Tecarmo/Atalaia, a greve foi de 100% na produção. Os terceirizados da empresa no estado também pararam. A greve também iniciou com toda força no Amazonas, Salvador, Rio de Janeiro, litoral paulista, Espírito Santo e Bacia de Campos. Em São José dos Campos, os trabalhadores das obras da Revap, que fizeram uma dura greve em 2008, também cruzaram os braços.

CONLUTAS CONSTRUIU UNIDADE DA FUP E FNP

A paralisação ocorre com essa força porque o Base-Conlutas conseguiu, junto aos petroleiros, impor a unidade entre FUP (Federação Única dos Petroleiros, filiada à CUT) e FNP. Conseguiu aprovar na greve da Replan, em Campinas, a exigência de que FUP e FNP construam um calendário unificado de luta.

Posteriormente, o Base divulgou em todo o país as resoluções de Campinas. Com isso, a FUP foi obrigada a negociar com a FNP, possibilitando o calendário conjunto.

O mais importante é que estamos numa greve que fortalecerá o dia nacional de luta em 30 de março. "Além de garantir a greve, temos que politizá-la, defendendo uma Petrobras 100% estatal e exigindo de Lula sua completa estatização", diz o diretor do sindicato do Rio de Janeiro Eduardo Henrique.

Na página seguinte: Assembleias votam mensagens de solidariedade à luta da Embraer

SEGUE A LUTA CONTRA AS DEMISSÕES E PELA REESTATIZAÇÃO DA EMBRAER

Após julgamento final do TRT, que manteve as demissões, campanha prossegue com moções e materiais de divulgação. Comitê nacional será formado em ato em São Paulo, no dia 26

***ANDRÉ FREIRE**, da direção nacional do PSTU*

Com a repercussão nacional que conquistou a luta contra as 4.270 demissões na Embraer, o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, com o apoio da Conlutas, lançou uma grande campanha nacional pela reestatização da Embraer e pela readmissão de todos os demitidos.

Infelizmente, na quarta-feira, 18 de março, mesmo decretando a abusividade das demissões realizadas pela empresa, o TRT de Campinas considerou que não havia amparo na legislação atual para obrigá-la a recontratar todos os demitidos. Este fato demonstra o limite da institucionalidade burguesa quando se trata de proteger os interesses dos trabalhadores.

O Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e a Conlutas vão recorrer ao TST dessa decisão, com o objetivo de seguir na luta pela readmissão dos 4.270 trabalhadores e forçar o debate nacional sobre a necessidade de se construir uma legislação que proteja as demissões imotivadas em nosso país, obrigando os grandes empresários a negociar com os sindicatos.

Neste sentido, a decisão do TRT de Campinas é uma demonstração clara de que este tipo de demissão é um absurdo e um profundo ataque aos trabalhadores e a sua representação sindical. As duas entidades vão exigir do governo Lula e do Congresso Nacional uma lei que proteja os trabalhadores das demissões imotivadas.

Lula, que em recente audiência com os trabalhadores da Embraer disse estar torcendo pela vitória dos trabalhadores na ação judicial movida pelo Sindicato e pela Conlutas no TRT de Campinas, precisa tomar medidas concretas para evitar as demissões.

Mas Lula é o presidente da República e tem maioria, através do seu bloco parlamentar, no Congresso Nacional. Portanto, seria necessário somente vontade de política do governo para apresentar uma medida provisória ou um projeto de lei que garantisse a estabilidade no emprego e impedisse as demissões.

> Somente os trabalhadores podem liderar uma campanha nacional e a luta pela reestatização

Porém, ao invés de atuar concretamente para proteger os trabalhadores da onda de demissões provocada pela crise e a recessão que já atingiu a economia brasileira, Lula prefere seguir garantindo isenção fiscal e financiamento com dinheiro público para as grandes empresas, que continuam demitindo e usando, inclusive, os investimentos do governo para financiar estas demissões.

SOMENTE OS TRABALHADORES PODEM GARANTIR A SOBERANIA NACIONAL

A Embraer é uma empresa estratégica para a economia do nosso país, terceira maior no setor de fabricação de aviões em todo o mundo. Ela foi vendida na onda de privatizações, durante os anos de auge do neoliberalismo em nosso país, período onde também foram privatizadas a CSN e a Vale, entre outras grandes estatais.

A defesa da soberania nacional é uma tarefa colocada nas mãos da classe trabalhadora do Brasil e em todo o mundo, pois a burguesia de nossos países passou de "malas e bagagens" para a total entrega de nossa economia ao controle das grandes transnacionais norte-americanas e europeias.

Portanto, somente os trabalhadores e suas organizações independentes podem liderar uma campanha nacional que leve de forma coerente a luta pela reestatização da Embraer e de todas as empresas privatizadas.

Na opinião do **PSTU**, esta campanha deve ser ampla e unitária, envolvendo todos os setores políticos que se colocam a favor da readmissão de todos os demitidos e pela reestatização da Embraer.

Mas, além da reestatização da empresa, somente o controle dos trabalhadores sobre a sua produção poderá garantir que ela seja voltada realmente para os interesses do desenvolvimento da economia brasileira e da classe trabalhadora e do povo pobre.

WWW.PSTU.ORG.BR
Baixe o modelo de moção em apoio à luta da Embraer

ASSEMBLEIAS APROVAM MENSAGENS DE APOIO

A campanha teve grande destaque nas manifestações do dia 8 de março, dia internacional da mulher. No ato de São Paulo, Rosângela Teixeira, do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, lançou a campanha em sua intervenção e foi muito aplaudida. No Rio, ao final do ato na Cinelândia, uma moção foi aprovada, por aclamação, por todos os presentes.

Desde o lançamento da campanha nacional pela reestatização da Embraer, na Câmara Municipal de São José dos Campos, no dia 11 de março, várias entidades já votaram em assembleias e reuniões em todo o país a moção proposta pelo Sindicato dos Metalúrgicos.

A campanha tem recebido uma grande aceitação nos encontros do funcionalismo federal. A moção já foi aprovada na Plenária Nacional da Coordenação dos Servidores Federais, na Plenária Nacional da Fasubra (Federação dos Trabalhadores da Universidades), no Fórum dos Servidores Federais do Rio de Janeiro e em importantes sindicatos como Sindsef-SP, Sintrajud-SP e Sintrasef-RJ.

Da mesma forma, acontece entre os profissionais de educação. A moção foi discutida e aprovada em várias reuniões de representantes de escola da APEOESP e também já foi aprovada pelo SEPE/RJ.

No movimento estudantil, a campanha foi lançada no jornal que convoca o Congresso Nacional dos Estudantes e foi discutida na reunião nacional de entidades que aconteceu no sábado, 21, em Salvador, para organizar o congresso. Uma comissão do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos participou da reunião, entre eles o vice-presidente eleito do sindicato, Hebert Claros, jovem metalúrgico da Embraer.

Na reunião da Coordenação Nacional da Conlutas, realizada em São Paulo no mesmo fim de semana, foi reafirmada a importância estratégica da campanha pela reestatização da Embraer. A campanha é parte fundamental a resolução de conjuntura e atividades da Conlutas e todas as entidades e movimentos saíram da reunião com os cartazes da campanha.

Por isso, em todas as assembleias e reuniões de diretoria que preparam o dia 30 de março, no movimento sindical, popular e estudantil, deve ser votada a moção pela reintegração dos demitidos e reestatização da Embraer.

COMITÊ NACIONAL DA CAMPANHA SERÁ LANÇADO EM SÃO PAULO

No dia 26 de março, às 10h, na sede da CTB em São Paulo, será lançado o Comitê Nacional da Campanha pela Reestatização da Embraer e pela readmissão de todos os demitidos. A construção do Comitê foi definida no ato de lançamento da campanha, em São José dos Campos, no dia 11.

Este comitê é uma grande demonstração da amplitude e das possibilidades desta campanha, que une várias centrais como a Conlutas, a Intersindical, a CTB e a CGTB, e vários partidos e organizações políticas.

NOVA GREVE GERAL PARALISA A FRANÇA

NA SEGUNDA PARALISAÇÃO deste ano contra a crise, cerca de três milhões protestaram em todo o país, segundo sindicatos

JEFERSON CHOMA, da redação

Mais uma greve geral paralisou a França no dia 19 de março. A segunda paralisação geral em menos de dois meses foi chamada pelas oito centrais sindicais (CGT, CFDT, FO, CFTC, CFE-CGC, Unsa, FSU e Solidarias) e promoveu mais de duzentas ações de protestos em todo o país.

Já no início da manhã do dia 19, o sistema de transporte começava a ser afetado pela greve. No aeroporto de Orly, em Paris, foram cancelados pelo menos um terço dos voos.

Houve também uma forte mobilização nas universidades francesas, que há meses protestam contra a reforma do ensino superior. Nos últimos dias, metade estava em greve.

Em Paris, uma imensa passeata saiu da Praça da República em direção à Praça da Nação, reunindo 350 mil pessoas, segundo a CGT.

Na cidade de Orléans, a greve foi maior do que a do dia 29 de janeiro, reunindo trabalhadores do setor público e do setor privado. Em Marselha, cerca de 320 mil pessoas, segundo os sindicatos, protestaram. Em Toulouse, uma passeata percorreu as ruas da cidade e todo o setor de transporte foi paralisado.

Como na última paralisação, no dia 29 de janeiro, o protesto foi contra a injeção bilionária de dinheiro público nos bancos franceses, realizada pelo governo Sarkozy, e pela exigência de ajuda aos trabalhadores vítimas da crise.

O desemprego no país não para de crescer. A taxa de desemprego no quarto trimestre de 2008 subiu de 7,2% a 7,8% na França continental, mas com os territórios do ultramar o índice chega a 8,2%, segundo o Instituto Nacional de Estatísticas (INSEE).

No total, no quarto trimestre de 2008, a França tinha 2,2 milhões de desempregados. No entanto, só no primeiro mês deste ano, a crise e o desemprego atingiram mais 90 mil franceses, pelo menos.

Mas, como outros governos imperialistas, o presidente da França distribuiu 366 bilhões de euros para banqueiros e empresários e anunciou que vai liberar mais 428 bilhões.

Milhões dizem não à política econômica de Sarkozy de salvar bancos

Sarkozy distribuiu 366 bilhões de euros para banqueiros e empresários

"O pior de tudo é ver o governo desbloquear num só golpe os bilhões para salvar os bancos. Durante anos eles disseram que não havia margem de manobra para o Estado intervir com ajudas nas escolas, hospitais ou na Justiça", explicou indignada uma funcionária pública que participou dos protestos em Paris.

TEMOR DE UMA REBELIÃO

A greve geral de 29 de janeiro, que reuniu 2,5 milhões em protestos em toda a França, fez soar o sinal de alerta. O governo, a burguesia e os partidos reformistas temem a explosão de uma revolta social.

O jornal Le Monde, em janeiro de 2009, escreveu: *"O Palácio do Eliseu (sede do governo), como o Partido Socialista e sindicatos de empregadores, teme uma explosão do caldeirão social"*. Os dirigentes do Partido Socialista, que procuram capitalizar eleitoralmente o desgaste de Sarkozy, também não escondem suas inquietações. A dirigente do partido Martine Aubry declarou *"temer uma propagação dos acontecimentos que agitam as Antilhas"* sobre um movimento de revolta social em território metropolitano.

Martine Aubry se refere à fúria que tomou conta dos territórios coloniais da França. No dia 20 de janeiro, uma greve geral estourou no arquipélago de Guadalupe, ilha do Caribe que faz parte da França. Lá a greve é contra a carestia de vida e por aumentos de salários, mas também denuncia o controle da economia da ilha por parte de uma elite branca.

Sarkozy se viu acuado depois dos protestos de 29 de janeiro. O presidente foi obrigado a apresentar um pacote de ajuda de 2,6 bilhões de euros para ajudar os desempregados - um valor muito menor do que foi destinado aos banqueiros. Mas a tentativa de aliviar a pressão social não atingiu os resultados esperados. As demissões aumentaram e, na véspera da nova paralisação e o governo fez questão de dizer que não irá ampliar a ajuda aos desempregados.

Recentemente, na petrolífera Total, foram demitidos 555 trabalhadores, pouco depois de a empresa apresentar lucros de 13,9 bilhões de euros. Causou indignação o fato de o governo (que tem participação na Total) não ter feito nada para impedir as demissões.

Tudo isso só aumentou a indignação da população. Segundo uma pesquisa realizada pelo jornal Libération, a grande maioria apoiava a jornada de greve, inclusive os eleitores de Sarkozy: 62% dos entrevistados se dizem solidários à greve. Quanto aos motivos da paralisação, o apoio sobe para 78%, 53% entre os eleitores do governo.

PROTESTO TEVE AMPLA PARTICIPAÇÃO OPERÁRIA

Demissões em massa têm provocado o surgimento de ações radicalizadas

Trabalhadores demitidos detiveram os diretores da Sony

Um dos destaques desta segunda greve geral foi a participação do movimento operário, nas ruas e nas fábricas. Nas últimas semanas foram anunciadas demissões em várias fábricas francesas, como Sony, Glaxo, Total, Continental e Valeo.

Durante os protestos, os operários da fábrica de pneus Continental, em Clairoix, ameaçada de fechamento, saíram em passeata. Os operários já realizaram vários protestos e atiraram ovos e sapatos contra as imagens dos seus patrões. A fúria deles é ainda maior depois que concordaram, em 2007, em cumprir jornadas semanais de 40 horas (na época, o máximo permitido na França era de 35 horas por semana) para manter a fábrica em funcionamento.

Operários da Sony também participaram da greve. Recentemente, os trabalhadores dessa fábrica tomaram uma atitude desesperada para manter seus empregos. Eles detiveram diretores de uma unidade da empresa por uma noite e os obrigaram a abrirem negociações.

Ainda no dia 19, os trabalhadores da Caterpillar de Grenoble ocuparam a fábrica em protesto contra a demissão de 733 trabalhadores.

"Estas ações mais ou menos radicais, já vistas num passado muito próximo, se estendem no contexto social atual. Muitos assalariados em meio ao conflito social tentam chamar a atenção da mídia para não serem esquecidos", escreveu um analista do Libération.

DESAFIOS

A França é o país europeu com o processo mais avançado de lutas e mobilizações. No entanto, os trabalhadores também enfrentam os limites impostos pelas direções sindicais burocráticas e reformistas. Não há, por exemplo, iniciativas de unificação das lutas cada vez mais radicalizadas que se desenvolvem nas fábricas ou no setor público. Tampouco se trabalha seriamente com a perspectiva do chamado de uma greve geral por tempo indeterminado. Ao invés de políticas de unificação, o movimento é submetido a uma série de manobras por parte das burocracias sindicais.

Por outro lado, o crescente peso do operariado nas lutas fortalece e radicaliza o movimento. Algo que poderá colocar abaixo as esperanças alimentadas pela burocracia sindical de controlar um movimento em ascenso.

A RETOMADA DA ESTRATÉGIA DO SOCIALISMO

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

Em tempos de crise econômica se revela a verdadeira face do capitalismo. A crise atual atinge as maiores economias do mundo, varrendo do mapa empregos e semeando miséria e pobreza para a maioria. Por outro lado, nunca se viu tanto dinheiro ser despejado para salvar uma ínfima minoria - empresários e banqueiros.

Nunca na humanidade houve tanta gente excluída. Nunca houve tanto dinheiro para tão poucos. Mesmo num país como os Estados Unidos, com anos de crescimento econômico, revela-se agora que nunca houve tanta desigualdade social. Nunca se produziu tanta mercadoria. Nunca também se trabalhou tanto tempo. Nunca se viu tamanho desenvolvimento tecnológico. Nunca, porém, se viu tantos desempregados e tamanha ação predatória contra a natureza.

Durante a década de 1990, com a queda do muro de Berlim e a ofensiva neoliberal, a esquerda foi sacudida por um vendaval oportunista: muitos se perderam, acreditando que não havia mais saída por fora do capitalismo. Falar em socialismo, luta de classe e revolução mundial era considerado *"fora de moda"*.

Hoje, vinte anos depois da tão proclamada *"vitória do capitalismo sobre o socialismo"*, a mentira da globalização e do neoliberalismo provou que não era capaz de resolver os mais básicos problemas dos trabalhadores. A crise atual demonstra que o capitalismo está aproximando a humanidade da barbárie. Seu início indica que, se depender da grande burguesia, a crise vai causar um drástico rebaixamento dos salários em todo o mundo. Haverá uma queda dos rendimentos dos operários nos países imperialistas ao nível dos países como o Brasil ou Argentina. E os salários daqui vão cair aos níveis pagos na China. Além disso, vários países quebrarão e perderão seu parque industrial inteiro, aumentando o desemprego de maneira colossal.

Mas é possível mostrar que a humanidade pode seguir por outro caminho. Que é possível recusar a barbárie. Por isso, é um novo desafio colocar hoje o socialismo como alternativa.

CAPITALISMO, UM FLAGELO DA HUMANIDADE

O capitalismo é um sistema em decadência, que desenvolve tecnologia unicamente para obter lucros e não para benefício da humanidade. Ao contrário, quase sempre a utiliza para a destruição do homem e da natureza. Esse sistema precisa desesperadamente das guerras para gerar lucros. Nele vigoram a anarquia da produção, o consumo descontrolado e supérfluo de uma minoria, a superexploração dos recursos naturais que provoca um desastre ecológico mundial e a especulação financeira.

A classe dos capitalistas é formada pelos proprietários de meios de produção social, que exploram o trabalho assalariado. Os trabalhadores assalariados não possuem meios próprios de produção e são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviverem.

O domínio das grandes empresas sobre a economia e seu funcionamento com base no mercado só é possível em função da propriedade privada. Dessa forma, a abolição da propriedade privada dos meios de produção, das grandes empresas, é uma condição necessária à superação do capitalismo.

Uma economia socialista pressupõe a expropriação da burguesia. Só assim é possível suprimir a busca do lucro por parte da burguesia, força motriz da produção capitalista, e organizar a economia para satisfazer às necessidades dos trabalhadores.

TECNOLOGIA A SERVIÇO DA HUMANIDADE

É bastante conhecido o desenvolvimento tecnológico promovido pelo capitalismo nos últimos anos, como a informática e a robotização. No entanto, o avanço tecnológico não resultou em uma melhoria nas condições de vida dos trabalhadores ou na diminuição do tempo de trabalho. Isso porque qualquer inovação tecnológica sob o capitalismo está direcionada a produzir mais lucros para os patrões.

"Melhorar a maquinaria equivale a tornar supérflua uma massa de trabalho humano. E assim como a implantação e o aumento quantitativo da maquinaria trouxeram consigo a substituição de milhões de operários manuais por um número reduzido de operários mecânicos, seu aperfeiçoamento determina a eliminação de um número cada vez maior de operários das máquinas e, em última instância, a criação de uma massa de operários disponíveis que ultrapassa a necessidade média de ocupação do capital, de um verdadeiro exército industrial de reserva". (Engels, Do socialismo utópico ao socialismo cientifico).

Assim, no capitalismo o excesso de trabalho de uns é a condição determinante para o desemprego de outros. *"E a maquinaria, o recurso mais poderoso que se pôde criar para reduzir a jornada de trabalho, converte-se no mais infalível recurso para converter a vida inteira do operário e de sua família numa grande jornada disponível para a valorização do capital"*. (Engels)

Mas é possível utilizar os avanços da tecnologia para facilitar uma experiência não capitalista nos dias de hoje. Sob o planejamento socialista da economia, a inovação tecnológica será voltada a diminuir a jornada de trabalho e a erradicar o desemprego.

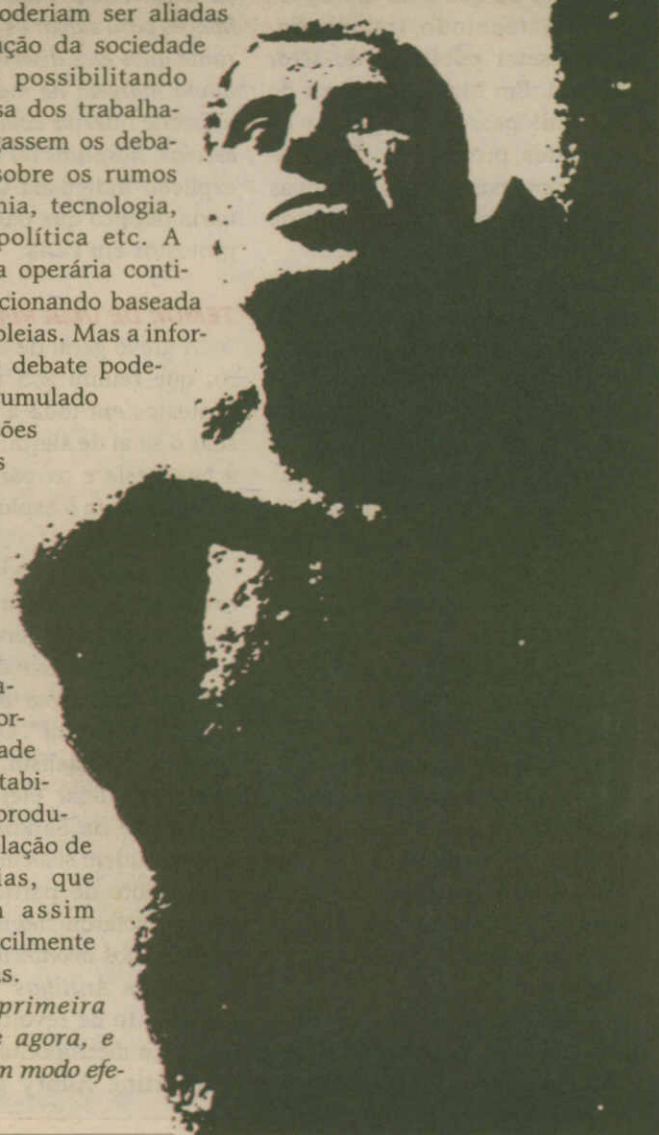
Os trabalhadores são embrutecidos culturalmente pela exploração capitalista, inferiorizados pela burguesia. Numa economia dirigida para o socialismo, porém, eles teriam mais tempo disponível para se desenvolverem culturalmente, se dedicarem a suas famílias e a participarem da vida política do país.

Diferente da realidade atual, em que se trabalha muitas vezes dez horas por dia, deixando milhões desempregados, é possível que os trabalhadores tenham uma jornada de apenas uma parte do dia - manhã, tarde ou noite. A outra parte do tempo poderia ser dedicada para a educação, possibilitando um salto no conhecimento da população, e para a vida cultural. E, principalmente, os trabalhadores teriam tempo para se dedicar ao controle da economia e da sociedade, possibilitando uma verdadeira democracia.

O fabuloso avanço tecnológico conquistado na área de comunicação, como a televisão e a internet, por exemplo, permitiria a rápida circulação de informação para todos sobre tudo o que se passa na vida política, cultural e social do país. A internet e as novas tecnologias poderiam ser aliadas na construção da sociedade socialista, possibilitando que na casa dos trabalhadores chegassem os debates reais sobre os rumos da economia, tecnologia, situação política etc. A democracia operária continuaria funcionando baseada nas assembleias. Mas a informação e o debate poderiam ser acumulado em discussões e debates pela televisão e internet. Por outro lado, a informática possibilitaria uma enorme facilidade para a contabilidade da produção e circulação de mercadorias, que poderiam assim ser mais facilmente controladas.

"Pela primeira vez, surge agora, e surge de um modo efetivo, a possibilidade de assegurar a todos os membros da sociedade, através de um sistema de produção social, uma existência que, além de satisfazer plenamente e cada dia mais abundantemente suas necessidades materiais, lhes assegura o livre e completo desenvolvimento e exercício de suas capacidades físicas e intelectuais." (Engels)

É POSSÍVEL UMA DEMOCRACIA SUPERIOR À DEMOCRACIA BURGUESA?

A abolição do capitalismo significa também o fim do Estado burguês. O Estado na forma como o conhecemos hoje é um conjunto de instituições – o governo que administra o cotidiano do

país, a Justiça, o Parlamento e as Forças Armadas – que tem uma função central, manter e preservar o sistema capitalista, cuja base é a propriedade privada.

Por isso o Estado capitalista deve ser substituído pelo Estado operário, onde as decisões seriam tomadas por todos os trabalhadores. Os novos organismos que constituiriam a base deste Estado seriam os conselhos operários que existiriam em âmbito municipal, estadual e nacional. Os conselhos seriam formados por representantes eleitos em suas ramificações nas fábricas e bairros, onde também seriam eleitos os responsáveis pela administração dos respectivos setores urbanos. Dessa forma, os funcionários e administradores deste Estado seriam eleitos pela base, mas com mandatos revogáveis a qualquer momento. Teriam salários iguais aos dos operários, sem qualquer privilégio. Algo bem diferente dos parlamentares da democracia burguesa, eleitos por quatro anos sem dar nenhuma satisfação a população.

Essa democracia – infinitamente superior a democracia burguesa – permitiria que a maioria da população debatesse todas as decisões do país. Desde pequenas obras necessárias nos bairros, a construção de fábricas, até a decisão sobre o orçamento do país, ou ainda as prioridades do planejamento estatal da economia.

A crise atual mostra que o capitalismo está aproximando a humanidade da barbárie. Mas é possível mostrar que a humanidade pode seguir por outro caminho

Esse novo Estado reorganizaria a economia de forma planejada, não sob a lógica dos patrões de obter lucros, e sim dirigida para satisfazer as necessidades dos trabalhadores.

Assim, a economia não estaria mais sujeita a crises, ao desemprego, porque ela estaria submetida a um controle por parte da coletividade sobre o processo social de produção e distribuição.

EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DA URSS

A retomada da estratégia socialista hoje é impossível sem fazer um balanço do que se passou no leste europeu, e em particular na Rússia. Essa fantástica experiência histórica, a primeira em que o proletariado exerceu seu poder enquanto classe terminou derrotada. Mas dela se extrai uma lição o fundamental, nos avanços que significou a expropriação da burguesia, a democracia soviética dos primeiros anos da revolução e na rejeição ao stalinismo.

Antes da revolução, a Rússia era o país mais atrasado do país da Europa. Mas se transformou numa potência mundial que se aproximou dos níveis dos EUA. A revolução assegurou aos trabalhadores o acesso aos serviços sociais e o pleno emprego. Promoveu nos primeiros anos um amplo desenvolvimento cultural e artístico e erradicou o analfabetismo num país onde 90% não sabiam ler ou escrever.

Quando o mundo capitalista sucumbia a Grande depressão de 1929, a economia da União Soviética (URSS) crescia em média 10% ao ano. Mesmo no período de Stalin, o desenvolvimento da URSS era impressionante. Trotsky escreveu sobre isso em A Revolução Traída : *"nos últimos dez anos (1925-1935), a indústria pesada soviética aumentou sua produção dez vezes"*. Já o capitalismo, para superar sua crise econômica reinventou até novas formas de escravismo, implementadas pelo nazismo de Hitler contra os judeus e eslavos.

A experiência da revolução russa incluiu também em seus primeiros sete anos o maior exemplo de democracia de toda a história da humanidade, muito superior ao de qualquer democracia burguesa.

Já existia uma breve experiência anterior, como a criação de conselhos populares com a revogabilidade de mandatos, que foi implementada na Comuna de Paris (primeiro governo operário da história em 1871).

Mas a experiência russa foi de maior fôlego e demonstrou que era possível os trabalhadores tomarem o poder e também construir sociedades sob sua direção. Os conselhos de operários e camponeses (sovietes) discutiam e decidiam sobre tudo. Os sovietes locais dirigiam diretamente as empresas e regiões, além de participarem na discussão e decisão dos grandes temas nacionais. Grandes debates foram realizados e decididos com a participação direta de milhões, como o que fazer com a economia, a guerra etc. Neles havia a participação direta de várias correntes políticas, a favor ou contra as posições do governo revolucionário.

A vida cultural floresceu livremente, gerando grande marcos na cultura mundial como na poesia (Mayakovsky), cinema (Eisenstein), pintura (Malevitch) e muitos outros. Esta parte da história foi esquecida pelo amargo, cinzento e brutal período da repressão stalinista.

Mas o isolamento da jovem república soviética cobrou um preço caro. A batalha pelo socialismo na URSS não dependia apenas da arena nacional, mas, sobretudo, da internacional. *"Quanto mais tempo a URSS fique cercada de capitalismo, tanto mais profunda será a degeneração dos tecidos sociais. Um isolamento indefinido deve trazer, inevitavelmente, não o estabelecimento de um comunismo nacional, mas a restauração do capitalismo"*, escreveu Trotsky.

A derrota da revolução no conjunto da Europa fortaleceu a burocracia representada por Stalin que se apoderou do poder e impôs uma ditadura burocrática, destruindo a democracia soviética. O veredicto de Trotsky infelizmente se confirmou.

Entretanto, a experiência da Revolução Russa mostrou que o socialismo não é só possível como necessário e, como registrou Trotsky, *"mesmo no caso de que a URSS, por culpa de seus dirigentes, sucumbisse aos golpes do exterior – coisa que esperamos firmemente não ver – ficaria, como prenda do futuro, o fato indestrutível de que a revolução proletária foi o única que permitiu a um país atrasado obter, em menos de vinte anos, resultados sem precedentes na História"*.

O FALSO SOCIALISMO

O ressurgimento do debate estratégico sobre socialismo também é marcado por inúmeras confusões. Algo que é natural. Afinal foram décadas de ataques e calúnias contra as idéias socialistas. Nesse período, as referências históricas sobre o socialismo foram apagadas da memória de gerações.

Nesse contexto surge Hugo Chávez e o seu socialismo do século 21, que joga poeira nos olhos da esquerda, causando grande confusão. Boa parte da esquerda está agora embriagada pela retórica antiimperialista de Chávez. Mas não se pode julgar os governos pelo que dizem, mas pelo que fazem.

Chávez reproduz uma fórmula que nada tem de novo: um governo nacionalista-burguês, com um programa burguês e um discurso de esquerda. Trata-se de um governo burguês nacionalista, como foram no passado Juan Perón, na Argentina, e Velasco Alvarado, no Peru.

Chávez dá continuidade ao domínio das grandes empresas privadas sobre a economia. A economia de mercado e todas as suas conseqüências (desemprego, miséria, inflação etc) continuam existindo na Venezuela. O desemprego e a pobreza estão aumentando, pois o país foi atingindo em cheio pela crise econômica e pela queda dos preços do petróleo.

O Estado continua nas mãos da burguesia. E os empresários, junto com a polícia do governo, reprimem greve e manifestações operárias. O capitalismo não é ameaçado com a nacionalização ou não de algumas empresas ou com a implementação de programas assistencialistas como as "missões". A Venezuelana continua tão capitalista como nunca. E por mais que Chávez faça discurso, seu governo não é uma alternativa ao capitalismo.

VENHA CONSTRUIR O PSTU!

Um partido para que os trabalhadores governem

> **"Se a história dos operários não pode ser escrita nos livros dos capitalistas, serão os operários mesmos que vão escrevê-la, seja como for, e em qualquer papel"**
>
> (Boletim dos operários da Sudamtex, fábrica têxtil argentina, 1956)

***HERMANO MELO**, de Belo Horizonte (MG) Da redação*

Estamos travando uma luta nacional contra as demissões e para que os empresários e banqueiros paguem a conta da crise que eles mesmos criaram. Estamos organizando junto com a Conlutas e outras centrais as manifestações do dia 30 de março.

Convencer os trabalhadores e a juventude da necessidade dessa luta é muito importante, em especial os operários, os mais afetados pela crise, e os que podem apresentar uma saída diferente para ela. São eles que, de forma coletiva, produzem toda a riqueza existente na sociedade, injustamente tomada pelos patrões e banqueiros.

É por isso que nossa luta só tem sentido se nós, os trabalhadores, lutarmos para governar o país. Se não for assim, os empresários vão continuar governando e vão tirar todos os nossos direitos e conquistas.

É o que estão tentando fazer agora com a crise econômica. A crise não é natural, ela existe porque, com a queda dos lucros, os capitalistas param de produzir e de investir, demitem milhares de trabalhadores, fecham fábricas e exploram mais os trabalhadores que restam na produção, com cortes de direitos e salários. Seu objetivo é fazer voltar a crescer suas taxas de lucros.

A única saída para evitar isso é os trabalhadores tomarem em suas mãos o destino do Brasil e começarem a construir uma sociedade nova, sem exploração, uma sociedade socialista.

Por isso, defendemos medidas para mudar essa lógica e a forma como a sociedade funciona. Medidas de transição, de ruptura com a lógica destrutiva do lucro capitalista, para uma forma de organizar e produzir que tem como objetivo a satisfação das necessidades das pessoas.

O capitalismo já demonstrou sua incapacidade de resolver os problemas mais básicos, como saúde, moradia, alimentação e trabalho. E agora os agrava com mais desemprego e miséria. Por isso, defendemos redução da jornada sem redução de salários, nenhuma demissão e que os ricos paguem pela crise, estatização das empresas, começando pelas que demitem, estatização do sistema financeiro, reforma agrária, não pagamento das dívidas interna e externa e soberania nacional. Tudo isso sob controle dos trabalhadores, tendo à cabeça os operários.

Para isso, só a luta sindical não basta, embora seja fundamental. É preciso organizar a luta pelo governo da sociedade, para que os trabalhadores organizem e controlem a produção e a distribuição das riquezas que eles produzem. Isso não se dará sem luta, pois significa acabar com um sistema onde poucos patrões vivem no luxo à custa da maioria que vive na pobreza.

É preciso lutar pelo poder político. Precisamos de um partido que queira organizar os trabalhadores para que estes façam uma revolução socialista. Esse partido hoje é o PSTU, é para isso que lutamos todos os dias.

MAS SERÁ QUE A CLASSE OPERÁRIA VAI LUTAR?

Muitos companheiros jovens trabalhadores e estudantes, que nunca viram grandes lutas, se perguntam se os operários vão lutar, se não foram vencidos pelo neoliberalismo.

Essa dúvida é reforçada porque a classe operária no Brasil ainda não está em luta nacional contra a crise. Muitos acreditam em Lula quando ele diz que a crise vai ser curta e que o governo vai garantir os empregos. Outros sentem medo das demissões e preferem ficar *"quietos"*.

Mas não nos enganemos! A classe operária brasileira é uma das mais fortes do mundo. Foi ela que levou Lula ao governo. Foi ela que construiu o PT e a CUT nas grandes greves das décadas de 1970 e 1980, decisivas para derrubar a ditadura militar.

A peãozada hoje está atenta, ouvindo o que falamos sobre a crise. Vendo quem são seus aliados e seus inimigos. Medindo forças. Preparando a sua luta. Mais cedo ou mais tarde, ela vai entrar em cena. E vamos precisar de uma direção política para conseguir levar suas lutas até o fim e fazer vencer um projeto dos trabalhadores.

A história mostra que o movimento operário tem sido heroico em suas lutas. O que tem faltado é uma direção à sua altura. É para isso que estamos preparando o PSTU.

O PSTU NÃO VAI "SE VENDER" SE CHEGAR AO PODER?

A preocupação em saber se o partido vai se vender é justa. Até hoje, os principais partidos e organizações dos trabalhadores que chegaram ao poder se venderam.

Nossas garantias são o nosso programa revolucionário e a participação da classe trabalhadora em nosso partido.

Até agora, estamos no caminho certo. Não nos vendemos ao governo Lula nem ao dinheiro que vem do Estado. Mas não queremos ser um novo PT nem construir um novo Lula. O nosso governo só vai existir se for de fato um governo socialista, em que os trabalhadores mandem e decidam.

Por isso, o PSTU é um partido das lutas de todos os dias, não aparece só em dias de festa ou em eleições. É um partido de militantes, e para ser do partido é necessário se organizar em um núcleo e contribuir financeiramente para que o partido não dependa de mais ninguém ao não ser dos trabalhadores.

É necessário discutir e defender as ideias do partido, ideias estas que são decididas por seus militantes de forma coletiva em base ao centralismo democrático. No PSTU, todos discutem internamente a posição do partido e depois votam. A posição do partido é a posição da maioria.

O partido sai com uma única política para o combate contra os governos de plantão e os patrões. Essa posição deve ser defendida de norte a sul do país e por todos, em especial pelas figuras públicas. Esse regime, além de garantir que o partido fale o que decide a maioria e não o que pensa cada figura pública, garante que não saiamos divididos para lutar e sim unidos e com força para combater os inimigos.

Por tudo isso, o PSTU precisa ser fortalecido e crescer cada vez mais!

Venha para o PSTU nos ajudar a escrever essa história!